

A casa virou cineclube com a primeira TV

A história da professora Vânia Rego, 33 anos, moradora da QNM 5 (Ceilândia Sul), também tem início em 1971. Ano em que a família foi transferida da Vila Tenório (atual setor de motéis do Núcleo Bandeirante) para a QNM 3 de Ceilândia Sul.

Vânia, com seis anos, se depara com um mundo novo. “Aqui não tinha nada além de mato. Todas as crianças tinham os dedos dos pés machucados. Cortaram as árvores, mas deixaram toquinhos que desapareciam no mato. A gente vinha correndo e tropeçava”, conta.

Mesmo sem opções de lazer, sua infância não podia ter sido mais divertida. “Como não tinha nada para fazer, brincávamos de colecionar grilos. Ganhava quem juntasse mais. Eu já colecionei 160 grilos”, lembra, sorrindo. Outra diversão era brincar de esconde-esconde atrás dos cupinzeiros. “Eles eram enormes. Cabiam até duas crianças atrás de um e ninguém descobria a gente”, garante.

Mas a vida mansa acabou logo. Com sete anos, Vânia começa a estudar e descobre os problemas da cidade. “Minha mãe era muito limpa e cuidadosa. Arrumava a gente (éramos três irmãos) direitinho. Usávamos uma blusa branca, de tergal. Mas chegávamos imundos ao colégio, por causa da poeira e da lama”, resume.

A família Rego foi a primeira da rua a comprar uma TV em preto-e-branco, assim que a luz chegou à cidade (entre 1973 e 1974): “Minha ca-

sa virou cineclube. Todas as crianças e adolescentes da rua iam lá assistir TV. Se espalhavam pelo chão, ficavam na porta, na janela... Ninguém estranhava. Achávamos normal a casa ficar cheia daquele jeito”. Para as mães não implicarem com o “-programa”, dona Salete Rego fazia bilhetes, se responsabilizava pelas crianças e fazia seus filhos entregarem nas casas das mães mais rígidas.

Com a formação do “cineclube”, a futura professora teve suas primeiras lições de democracia. Mérito de seu pai, um nordestino muito ensimesmado. “Ele era fechado, calado, mas não se importava de a nossa casa virar cineclube. Todo mundo entrava, não interessava quem era. Nossa porta ficava aberta sempre”, garante Vânia.

E todas as coisas importantes na vida de Vânia foram aprendidas em Ceilândia, onde cursou 1º e 2º graus. Os professores insistiam para que ela seguisse a mesma profissão. Mas era tudo o que não queria. Seu destino começou a mudar ainda no 2º grau.

Sem opções de lazer, os adolescentes se integraram aos grupos jovens da Igreja Católica — única “atividade cultural” disponível na época. Vânia tornou-se catequista e conheceu a Teologia da Libertação, de Leonardo Boff. “Foi aí que despertei para as questões sociais. A partir dessa pedagogia católica, percebemos o alto índice de analfabetos em Ceilândia. Começamos o processo de alfabetização na cidade”, resume. (AHP)



ALIMENTAÇÃO

Funcionários da Secretaria de Serviços Sociais do Governo do Distrito Federal e as Voluntárias de Brasília freqüentavam o imenso acampamento de pessoas retiradas das favelas e levavam comida para aqueles que foram os primeiros moradores de Ceilândia